

XI FÓRUM DE PARTILHA LINGUÍSTICA

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

25
NOV.

SALAS MULTIUSOS 2
EDIFÍCIO ID



ORGANIZAÇÃO

NÚCLEO DE JOVENS INVESTIGADORES DO CLUNL

MAIS INFORMAÇÕES

CLUNL.EDU.PT/JOVENSINVESTIGADORES

JICLUNL@FCSH.UNL.PT

COM O APOIO



Universidade Nova de Lisboa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

XI FÓRUM DE PARTILHA LINGUÍSTICA

XI Forum for Linguistic Sharing

Livro de Resumos

Abstract Book

Lisboa

25 de Novembro de 2016

Comissão Científica | Scientific Commitee

Alexandra Fiéis	Cristina Flores	Marina Vigário
Amália Mendes	Fátima Oliveira	Marisa Cruz
Ana Costa	Fátima Silva	Matilde Gonçalves
Ana Lúcia Santos	Helena Valentim	Pilar Barbosa
Ana Madeira	Isabel Margarida Duarte	Raquel Amaro
Ana Maria Martins	João Veloso	Raquel Silva
Ana Mineiro	Letícia Almeida	Rita Marquilhas
Anabela Gonçalves	Manuel Célio Conceição	Rosalice Pinto
Armanda Costa	Maria Antónia Coutinho	Rui Marques
Carla Teixeira	Maria do Céu Caetano	Rute Costa
Celda Choupina	Maria Francisca Xavier	Telmo Mória
Clara Nunes Correia	Maria Lobo	Teresa Brocardo

Comissão Organizadora | Organizing Commitee

Ana Guilherme	Mara Moita	Radovan Miletic
Beatriz Carvalho	Margarida Tomaz	Sílvia Barbosa
Joana Teixeira	Mariana Silva	Stéphanie Vaz

XI Fórum de Partilha Linguística
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
25 de novembro de 2016

Índice de Comunicações

Aquisição de artigos definidos e indefinidos em português língua segunda por falantes nativos das línguas croata e sérvia	6
Radovan Miletic (FCSH/NOVA - CLUNL)	
Inversão locativa em inglês L2: Um caso de teste para a Hipótese de Interface.....	8
Joana Teixeira (FCSH/NOVA - CLUNL)	
“O Brasil decepciona e empata com o Equador na Copa América Centenário”. Um estudo da metonímia a partir da Semântica de Frames.	11
Maucha Andrade (UFJR - Brasil)	
Neologia literária: para a construção de um glossário de autor.....	13
Amadeu Barros (FCSH/NOVA)	
What pragmatics can teach us about political language.....	15
Nicholas Carroll (University of Edinburgh)	
Slurs and Stereotypes	17
Simone Carrus (Vita-Salute San Raffaele University - Milan)	
Code-switching as an Identity Marker? A Sociolinguistic Analysis of the Community of Young Italians Living in London.....	20
Giulia Pepe (University of Westminster - London)	
Discourse markers and their functional equivalents in English and Portuguese: a contrastive study.....	22
Milana Morozova (FCSH/NOVA - CLUNL)	
A metalinguagem da revisão de textos – Contributos para uma nomenclatura revisória em língua portuguesa	23
Marta Fidalgo (FCSH/NOVA - CLUNL)	
Género <i>graffiti</i> : a questão da atribuição de etiquetas genéricas	26
Rute Rosa (FCSH/NOVA - CLUNL)	

XI Fórum de Partilha Linguística
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
25 de novembro de 2016

Comunicações

Aquisição de artigos definidos e indefinidos em português língua segunda por falantes nativos das línguas croata e sérvia

Radovan Miletic
FCSH/NOVA – CLUNL
radovanmil@gmail.com

Palavras-chave: PL2, artigos, definitude, especificidade

O objetivo desta comunicação é apresentar uma análise dos dados recolhidos em Zagreb e Belgrado, cujo foco incide sobre a aquisição de artigos (in)definidos em português (europeu) língua segunda (PL2) por falantes nativos das línguas croata e sérvia (línguas que não possuem o sistema de artigos) explorando construções nominais em contextos singulares.

Após mais de uma década de crescente interesse no domínio nominal de aquisição de artigos em língua segunda, parcialmente influenciado por uma série de estudos de Tania Ionin e seus colegas (para outros estudos ver, por exemplo, Garcia-Mayo & Hawkins, 2009), levantaram-se questões interessantes, por exemplo: que tipo de representação mental sobre artigos (in)definidos formará um falante numa L2 se a sua L1 não possuir esta categoria gramatical? É possível para falantes não-nativos convergirem para o conhecimento dos artigos que os falantes nativos têm?

Neste trabalho vamos testar a Hipótese de Flutuação de Ionin, Ko & Wexler (2004) que assume o pleno acesso à Gramática Universal e prevê a substituição (“flutuação”) entre os valores de definitude e especificidade até o valor apropriado (numa determinada língua) estar definido. A análise é orientada pelas seguintes questões: (i) os falantes nativos de croata e sérvio têm preferência por um dos valores (definitude ou especificidade) ou “flutuam” entre os dois? (ii) caso haja “flutuação”, ela é aleatória ou existe uma preferência por um dos valores?

Participaram no estudo 65 estudantes universitários de PL2 de nível intermédio e avançado que completaram um teste de preenchimento de espaços *online*, com o registo dos tempos de reação, testando quatro condições possíveis [\pm definido, \pm específico] de Sintagma Nominal em contextos singulares. Foi utilizado o software DMDX (Forster & Forster, 2003).

XI Fórum de Partilha Linguística
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
25 de novembro de 2016

Entre os comportamentos desviantes observados destaca-se a preferência pelo artigo definido em contextos [-definido, +específico]. Em geral, os resultados preliminares evidenciam um comportamento não-nativo e dificuldades na aquisição das propriedades semânticas e pragmáticas relevantes do sistema de artigos.

Referências: Forster, Kenneth I. & Jonathan C. Forester. (2003). DMDX. A Windows display program with millisecond accuracy. *Behavior Research Methods, Instruments, & Computers* 35 (1), 116-124. | García Mayo, Maria del Pilar & Roger Hawkins (eds.). (2009). *Second Language Acquisition. Empirical Findings and Theoretical Implications*. John Benjamin's Publishing Company. | Ionin, Tania; Heejeong Ko & Ken Wexler. (2004). Article semantics in L2 acquisition: The role of specificity. *Language Acquisition* 12, 3-70.

Inversão locativa em inglês L2: Um caso de teste para a Hipótese de Interface

Joana Teixeira

FCSH/NOVA - CLUNL

joana.v.teixeira@gmail.com

Na última década, a investigação desenvolvida em Aquisição de L2 sobre a interface sintaxe-discurso tem sido influenciada pela Hipótese de Interface (HI) (Sorace, 2011; Sorace & Filiaci, 2006), segundo a qual, enquanto todas as propriedades estritamente sintáticas são adquiríveis numa L2, as que envolvem a interface entre sintaxe e domínios externos à gramática, como discurso e pragmática, são um locus de opcionalidade residual, mas permanente, no estágio final de aquisição. Na sua forma atual, a HI propõe que esta opcionalidade é fruto de ineficiências na integração de informação sintática com informação externa à gramática no uso da língua em tempo real, as quais, por sua vez, são um efeito secundário do bilinguismo (Sorace, 2011). Embora a HI seja confirmada por muitos estudos (cf. Sorace, 2011), os resultados de alguns trabalhos recentes sugerem que as estruturas na interface sintaxe-discurso não são necessariamente problemáticas (e.g. Donaldson, 2011; Ivanov, 2012; Slabakova, 2015). Em investigação recente, Domínguez & Arche (2014) e Slabakova (2015) propõem que estas estruturas só geram dificuldades em níveis (muito) avançados quando são diferentes na L2 e na L1 e o input não é transparente (e.g. porque a estrutura é infrequente). Crucialmente, quer os estudos que apoiam esta hipótese, que designaremos “Hipótese L1+input”, quer os restantes estudos que infirmam a HI baseiam-se essencialmente em tarefas *offline* e sem restrições de tempo, que não são as mais adequadas para captar opcionalidade resultante de ineficiências de processamento.

Com o objetivo de testar a HI e a Hipótese L1+input, o presente estudo investiga o estágio final da aquisição de inversão locativa (IL) em inglês L2 – francês L1 e inglês L2 – português europeu (PE) L1. Este é um terreno de teste apropriado para ambas as hipóteses por três motivos. Primeiro, em inglês, a IL situa-se na interface sintaxe-discurso: só é admitida quando o locativo (Loc) pré-verbal é tópico cénico (Teixeira, 2015), o sujeito (S) foco (Birner, 1996) e o verbo (V) um inacusativo de existência e aparecimento ou um inergativo que expresse uma atividade prototípica do S (e.g. *glitter*

XI Fórum de Partilha Linguística

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

25 de novembro de 2016

com um S que prototipicamente brilha como *a diamond*) (Levin & Rapaport Hovav, 1995). Segundo, a IL é infrequente no input. Por último, esta inversão está sujeita a condições semelhantes em inglês e francês, mas não em PE. Esta língua difere das restantes num aspeto crucial – permite IL com todos os tipos de V (cf. Pereira, 1998). Dadas estas características, a Hipótese L1+input e a HI fazem predições diferentes sobre o desempenho dos falantes de PE e de francês no que diz respeito à IL em inglês. A primeira prediz que os falantes de PE terão um desempenho divergente e os de francês um desempenho convergente. A última, pelo contrário, prediz que ambos exibirão opcionalidade, particularmente nas tarefas mais exigentes para o processador (e.g. tarefas com restrições de tempo).

Participaram neste estudo adultos falantes nativos de PE ($n=26$), francês ($n=26$) e inglês ($n=26$). Os falantes não nativos de inglês começaram a aprender esta língua entre os 8 e os 11 anos, tendo atingido um nível ou quase nativo (aprox. 50%) ou avançado. Através de 2 tarefas *drag & drop*, 2 tarefas de juízos de gramaticalidade rápidos e 1 tarefa de *priming* sintático, testámos, por um lado, o tipo de contexto discursivo em que a IL é admitida – loc tópico + S foco vs. loc foco + S foco vs. loc foco + S tópico – e, por outro, o tipo de V permitido nesta inversão – inacusativo de existência e aparecimento vs. inacusativo de mudança de estado vs. inergativo que expressa uma atividade prototípica do S vs. inergativo que não satisfaz esta condição. A análise preliminar dos resultados sugere que, como predito pela HI, todos os falantes de inglês L2 exibem opcionalidade na interface sintaxe-discurso, ainda que esta seja mais acentuada quando L1 e L2 diferem.

Referências

- Birner, B. (1996). *The discourse function of inversion in English*. New York / London: Routledge.
- Domínguez, L., & Arche, M. J. (2014). Subject inversion in non-native Spanish. *Lingua*, 145, 243-265.
- Donaldson, B. (2011). Nativelike right-dislocation in near-native French. *Second Language Research*, 27(3), 361-390.
- Ivanov, I. P. (2012). L2 acquisition of Bulgarian clitic doubling: A test case for the Interface Hypothesis. *Second Language Research*, 28(3), 345-368.
- Levin, B., & Rapaport Hovav, M. (1995). *Unaccusativity at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Pereira, C. (1998). *Inversão locativa em português*. (Dissertação de mestrado), Universidade do Porto, Porto.

XI Fórum de Partilha Linguística

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

25 de novembro de 2016

- Slabakova, R. (2015). The effect of construction frequency and native transfer on second language knowledge of the syntax–discourse interface. *Applied Psycholinguistics*, 36(03), 671-699.
- Sorace, A. (2011). Pinning down the concept of ‘interface’ in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 1, 1-33.
- Sorace, A., & Filiaci, F. (2006). Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. *Second Language Research*, 22(3), 339-368.
- Teixeira, J. (2015). Inversão locativa e tópicos cénicos: Os casos do inglês, francês e português europeu. Trabalho apresentado no XXXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

XI Fórum de Partilha Linguística
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
25 de novembro de 2016

“O Brasil decepciona e empata com o Equador na Copa América Centenário”. Um estudo da metonímia a partir da Semântica de Frames.

Maucha Andrade Gamonal

Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil
Departamento de Linguística da Universidade da Califórnia
International Computer Science Institute
mauchaandrade@gmail.com

A metonímia é um fenômeno da linguagem humana que sinaliza relações de substituição em domínios que mantêm algum tipo de adjacência. Se investigado à luz da semântica formal, é dito que são casos ativados diretamente no momento da interação e requer esforço cognitivo para compreensão (cf. Searle, 1979). Com resultados de diversas pesquisas em Linguística Cognitiva (cf. Lakoff & Johnson, 1980; Taylor, 1995; Barcelona, 2012, dentre outros), a metonímia passa a ser investigada como projeções cognitivas básicas da cognição humana.

Como recorte da pesquisa de doutorado em andamento, este trabalho mostra como a metonímia pode ser modelada lexicograficamente com interesse linguístico-computacional. Na sentença *Brasil decepciona e empata com o Equador em estreia na Copa América Centenário*, sabe-se que o nome *Brasil* é usado para se referir à *seleção brasileira de futebol*. Assim, temos o país pela seleção de futebol. Por outro lado, em *O sanduíche de presunto está esperando a conta*, exemplo clássico discutido no livro *Metaphor we live by* de Lakoff e Johnson (1980), temos o pedido do cliente sendo usado para se referir ao próprio cliente. O que há de comum e específico nestes dois exemplos será compartilhado nesta apresentação.

A teoria linguística de apoio é a Semântica de Frames (Fillmore, 1985), e a metodologia segue vários pressupostos da FrameNet (Ruppenhofer, 2010), rede semântico-lexicográfica para a língua inglesa que usa o conceito de frames na análise lexical, <http://framenet.icsi.berkeley.edu>. A versão do português do Brasil está em desenvolvimento, <http://www.ufjf.br/framenetbr/>, assim como para outras línguas. De forma geral, o termo *frame* - moldura - é utilizado para mostrar que os conceitos se

XI Fórum de Partilha Linguística
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
25 de novembro de 2016

relacionam de forma que a compreensão de um implica a ativação de todo o sistema. Por exemplo, a unidade lexical *decepcionar* só é compreendida se se concebe a existência de algum estímulo negativo experienciado por um ser consciente. Criam-se, então, formas de representar linguisticamente tais molduras.

Para tal, tem-se a descrição de unidades lexicais em termos dos frames evocados, a definição de Elementos de Frame, que são os participantes principais e secundários para a compreensão do frame, a anotação de sentenças tanto sintaticamente quanto semanticamente na busca por padrões e restrições, todas advindas de corpus representativo da língua e a exibição de gráfico com relações externas e internas ao frame, além de padrões de valência lexicográfica dos itens lexicais.

A relação metonímica em fase de desenvolvimento está sendo lexicograficamente validada e será explorada no projeto M.knob (Multilingual Knowledge Base), base de conhecimento multilíngue - português, espanhol, inglês - em forma de app, que oferece sistema de recomendação e de tradução para jogos olímpicos e turismo. Os resultados apontam que a metonímia pode ser explicada através de relações externas e internas ao frame a depender do tipo em estudo.

Palavras-chave:

lexicografia; metonímia; frames semânticos; frameNet; m.knob.

Referências bibliográficas:

- Barcelona, A. (2012). La metonimia conceptual. In **Linguística Cognitiva**, Iraide Ibarret & Antuñano & Javier Valenzuela (dirs.), Anthropos, 123- 146.
- Fillmore, Charles J. (1985). Frames and the semantics of understanding. In **Quaderni di Semantica**, 6, 222–254.
- Lakoff, G. and M. Johnson (1980). **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press.
- Ruppenhofer, J., Ellsworth, M., Petruck, M. R., Johnson, C. R., & Scheffczyk, J. (2010). **Framenet II: Extended theory and practice**. URL <http://framenet.icsi.berkeley.edu/book/book.pdf>
- Searle, J. (1979). Indirect Speech Acts. In **Expression and Meaning: Studies in the Theory of Speech Acts**, Cambridge: Cambridge University Press.
- Taylor, John R. (1995) **Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory**. Oxford: Clarendon Press.

Neologia literária: para a construção de um glossário de autor

Amadeu Teófilo de Barros

FCSH/NOVA

teubarros2007@hotmail.com

O presente trabalho visa analisar os processos linguísticos de enriquecimento do léxico e de formação de unidades lexicais em particular os neologismos literários resultante de empréstimos, principalmente, às línguas de Angola, com vista à elaboração de um glossário neológico de escritores angolanos, atendendo a importância desses autores na Literatura e vida social angolana, valorizando a sua criatividade lexical, sendo que é pela unidade lexical que esses autores foram capazes de se desviar dos padrões literários do colonizador português de modo a criar padrões próprios de Angola e uma identificação sócio-histórica e cultural do angolano e, por via da sua criatividade, apresentar nas suas obras inúmeras unidades lexicais neológicas algumas delas com sentimento de novidade para muitos falantes.

Trata-se de uma pesquisa com alguma relevância pelo facto de o estudo poder contribuir para uma compreensão dos textos desses autores, com vista a criação de um glossário de neologismos literários constituído única e exclusivamente de um corpus de escritores angolanos.

A metodologia de estudo desse trabalho enquadra-se no âmbito da metodologia da Lexicologia e da Lexicografia, baseando-se num *corpus* textual, com destaque para a elaboração de pressupostos teóricos com vista a constituição de um glossário de autor; análise descritiva dos neologismos encontrados no corpus de estudo e apresentação de estratégias de uso do glossário de autor em contexto escolar.

Nas duas obras literárias (*Os discursos do Mestre Tamoda de Uanhenga Xitu e Há Prendisajens Com o Xão – O segredo húmido da lesma e outras descoisas de Ondjaki*), os vocábulos desdobram-se em 1658 substantivos, 573 adjectivos, 26 advérbios e 89 verbos, números que nos ajudam a examinar a possibilidade de enriquecimento do português falado em Angola.

XI Fórum de Partilha Linguística
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
25 de novembro de 2016

Palavras-chave: Neologia literária, neologismo, Hyperbase, Uanhenga Xitu, Ondjaki.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Maria Aparecida** (2000). Dos processos de engendramento e manifestações do neologismo nos discursos essencialmente figurativos. In: AZEVEDO, José Carlos de. *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BARROS, Amadeu Teófilo de** (2013). *Análise Lexical do Discurso Tamodiano*. Dissertação de Mestrado. ISCED-Luanda.
- CHICUNA, Alexandre Mavungo**, (2009). *Tratamento lexicográfico dos portuguesismos em kyombe*. Tese de Doutoramento em Linguística – especialidade: Lexicologia e Lexicografia, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), Lisboa.
- CORREIA, Margarita e LEMOS, Lúcia San Payo de (2005). *Inovação Lexical em Português*. Caderno de Língua Portuguesa: APP, Lisboa: Colibri
- LINO, Teresa** (2007). Rede de Neologia e de Terminologia em Língua Portuguesa (em Situação de contacto de língua). *Congresso da Associação das Universidades de Língua Portuguesa*. Cabo Verde: AULP.
- ONDJAKI**. (2011). *Há Prendisajens Com o Xão – O segredo húmido da lesma e outras descoisas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas.
- SINCLAIR, John** (1991). *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: Oxford University Press.
- XITU, Uanhenga**. (1976). *Vozes na Sanzala (Kahitu)*. Luanda: Mayamba Editora
- XITU, Uanhenga**. (2012/reedição). *Os discursos do Mestre Tamoda*. Luanda: Mayamba Editora

What pragmatics can teach us about political language

Nicholas Carroll
University of Edinburgh
School of Philosophy, Psychology and Language Science
s1566424@sms.ed.ac.uk

Keywords: Speech acts, scorekeeping, rules of accommodation, political discourse, criminalisation.

In his book, *Process and reality: An essay in cosmology*, Alfred North Whitehead wrote that Western philosophy consists of a series of footnotes to Plato. Although this comment should be taken with jest, Whitehead meant to draw attention to the extent to which Plato influenced the course of Western philosophy. A similar comment could, perhaps, be made about the German logician, Gottlob Frege, in relation to the influence his works have exerted on the course of analytic philosophy of language. For, just like Plato, Frege's works on language—in particular, *Foundations of Arithmetic* (1884) and *Begriffsschrift* (1879)—have shaped almost everything that has been subsequently written about the nature and function of language within analytic philosophy.

In particular, Frege made two influential claims about language and linguistic meaning. The first claim, which can be referred to as the *Communication Thesis*, is that a language is simply an internally consistent system of signs, governed by a set of rules, whose primary function is to allow two or more people to communicate true facts about a mind-independent world. The second claim, which can be referred to as the *Meaning Thesis*, is that the meaning of a word, even if it is a matter of custom among the speakers of a language, is determined by the object or property to which it refers. Together, these two claims form what I will call the *orthodox view of language*.

Political language, however, functions in a way that challenges the truth of the Communication Thesis and the Meaning Thesis. In order to show this, I will focus on the language that the Members of the Australian Federal House of Representatives have used to refer to asylum seekers who have entered Australia's migration zone by boat—utterances including “illegal immigrants,” “boat people,” and “queue jumpers.” My corpus of data consists of five years of Parliamentary Hansard, beginning from 24 June 2010. The Hansard were accessed from the online archives for the Australian House of

XI Fórum de Partilha Linguística

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

25 de novembro de 2016

Representatives (accessed online at: aph.gov.au); by drawing on the research conducted by Sharon Pickering (2001) and Michael Clyne (2005), each Parliamentary transcript was analysed for language that criminalised asylum seekers.

In my presentation, I will argue that such language presents a two-fold argument against the orthodox view of language. In regard to the Communication Thesis, I will argue that the primary function of such language is not to communicate true facts about asylum seekers; rather, its primary function is to perform an illocutionary speech act that criminalises asylum seekers (see Austin 1962; Lewis 1979; McGowan 2004, 2009). In regard to the Meaning Thesis, I will argue that the meaning of this language is not always determined by reference to the asylum seekers who enter Australia's migration zone on a boat; rather, the meaning of the power relations that are implicit in Australian public policy formation.

References:

- Austin, J. (1962). *How to do things with words*. Oxford, England: Oxford University Press.
- Clyne, M. (2005). The use of exclusionary language to manipulate opinion: John Howard, asylum seekers and the re-emergence of political incorrectness in Australia. *Journal of Language and Politics*, 4(2), 173–196.
- Frege, G. (1884/1974). *The foundations of arithmetic: A logico-mathematical enquiry into the concept of number* (J. Austin, trans.). Oxford, England: Blackwell.
- Frege, G. (1879). Begriffsschrift, eine der arithmetischen nachgebildete Formelsprache des reinen Denkens (S. Bauer-Mengelberg, trans.). In J. van Heijenoort (ed.), *From Frege to Gödel: A source book in mathematical logic, 1879–1931*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Lewis, D. (1979). Scorekeeping in a language game. *Journal of Philosophical Logic*, 8(3), 339–359.
- McGowan, M. (2004). Conversational exercitives: Something else we do with our words. *Linguistics and Philosophy*, 27, 93–111.
- McGowan, M. (2009). Oppressive speech. *Australasian Journal of Philosophy*, 87(3), 389–407.
- Pickering, S. (2001). Common sense and original deviancy: News discourses and asylum seekers in Australia. *Journal of Refugee Studies*, 14(2), 169–186.
- Whitehead, A. (1978). *Process and reality: An essay in cosmology*. New York, NY: The Free Press.

Slurs and Stereotypes

Simone Carrus

Vita-Salute San Raffaele University, Milan

carrussimone@gmail.com

The fundamental and undisputed property of slurs is their ability to derogate and offend individuals and groups. This power is attributed to the slurs content by the so-called content-based theories (Macià, 2002; Schlenker, 2007; Potts, 2007; Hom, 2008; Williamson, 2009; McCready, 2010; Croom, 2011; Camp, 2013; Hom & May, 2013; etc.), in opposition to the non-content based ones (Anderson & Lepore, 2013; Numberg, 2013).

Among the content-based theories, some theorists have advocated stereotype semantic analyses according to which uses of slurring terms would semantically encode and express or conventionally implicate stereotypes of the group that is referenced by the slur's Neutral Counterpart. We talk about Neutral Counterparts (or Non-Pejorative Correlates) by virtue of the widely held assumption in the literature, according to which slurs (e.g. *wop*) and descriptors (e.g. Italian) are co-referential expressions with precisely the same extension.

That said, although in my opinion we can assume as facts both the role played by stereotypes in racism and a connection between slurs, stereotypes and racism, the role of stereotypes in the semantics of slurs is controversial. In particular, I will face the rich and well-articulated argumentation proposed by Jeshion (2013a) against the most fundamental claim of a stereotype semantics: that a speaker who uses a slur thereby expresses and endorses a stereotype. Jeshion focuses upon the accounts by Hom (2008) and Camp (2011) and, although she recognizes a "robust set of explanatory advantages" to these proposals, she maintains that there is no reason to include stereotypes in the content of slurs.

I will maintain that the main reason for endorsing an stereotype account of the content of slurs is the following: the wrongness we attribute to slurs is precisely the same wrongness we attribute to stereotypes. What we condemn in slurring is exactly the same we condemn in the use of stereotypes as tools for representing the reality. Moreover, the

XI Fórum de Partilha Linguística
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
25 de novembro de 2016

“grouping-effect” is a side-effect of the stereotype working principles as much as of the use of slurs. Both slurs and stereotypes are used to categorize as equally contemptible all the members of a certain (supposedly) recognizable group of individuals. Not least, the groups that are more frequently targeted by slurs and the groups whose we have acknowledged stereotypes are often the same. One may say that slurs works in the same way of stereotypes and yet, stereotypes are not the content of slurs. However, these parallelisms appears to me a good reason to defend a stereotypical semantics of slurs.

Following this general idea, I will maintain that the argumentation by Jeshion (2013a) gives a substantial contribute for the development of a reliable account of the relation between slurs and stereotypes. Some objections raised by this scholar are particularly trenchant and better founded than others; yet, I will argue that ultimately its argumentation as a whole appears far from being capable of counterbalance our intuitions on the strong relation between (the content of) slurs and (the content of) stereotypes.

Keywords: slurs, stereotypes, semantics, thick terms, hate speech, pragmatics

References:

- Camp E., 2011, Slurs, Semantics, and Stereotypes, presented at the Syracuse Philosophy Annual Workshop and Network 2011, Syracuse University, Syracuse, NY.
- Hom C., 2008, The Semantics of Racial Epithets, in *Journal of Philosophy*, 105, 416-440.
- Jeshion R., 2013a, Slurs and Stereotypes, in *Analytic Philosophy* 54 (3), 314–329.

Additional Bibliography

- Camp E., 2013, Slurring Perspectives, in *Analytic Philosophy* 54 (3), 330-349.
- Croom A., 2011, Slurs, in *Language Sciences* 33, 343-358.
- Hom C., May R., 2013, Moral and Semantic Innocence, in *Analytic Philosophy* 54 (3), 293–313.
- Jeshion R., 2013b, Expressivism and the Offensiveness of Slurs, in *Philosophical Perspectives*, 27, *Philosophy of Language*.
- Macià J., 2002, Presuposición y Significado Expresivo, in *Theoria: Revista de Teoría, Historia y Fundamentos de la Ciencia*. 3 (45), 499-513.
- McCready E., 2010, Varieties of Conventional Implicature, in *Semantics & Pragmatics*, Volume 3, Article 8: 1-57.
- Potts C., 2007, The Expressive Dimension, in *Theoretical Linguistics*, 33, 165-197.

XI Fórum de Partilha Linguística
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
25 de novembro de 2016

Schlenker P., 2007, Expressive Presuppositions, in *Theoretical Linguistics*, 33, 237–45.

Williamson T., 2009, Reference, Inference and the Semantics of Pejoratives, in J. Almog & P. Leonardi (Eds.), *The philosophy of David Kaplan*, 137– 158, Oxford: Oxford University Press.

XI Fórum de Partilha Linguística
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
25 de novembro de 2016

Code-switching as an Identity Marker? A Sociolinguistic Analysis of the Community of Young Italians Living in London

Giulia Pepe

University of Westminster (London)

School of Social Sciences and Humanities

giulia.pepe@my.westminster.ac.uk

Multicultural, vibrant, and with numerous communities living and talking in it, London is a fascinating city for sociolinguists. The Italian community, not numerically relevant in the past, is nowadays formed by about 250.000 units, and it is an interesting case of contemporary migration (Scotto, 2015). The 2007 global economic crisis caused the start of a vast flow from southern European countries (Portugal, Italy, Greece, and Spain) to the United Kingdom, which has deeply affected London scenario. The new Italian migrants are mainly young (18- 35 years old), thus, I have grouped them in a sub-community called “community of young Italians living in London” (hereafter, CYILL), in order to distinguish them from the previous generations of Italians who settled in the city. In the last decade, a few sociological studies on this sub-community have been carried out (Conti, 2012; McKay, 2015; Sacco, 2013; Scotto, 2015); however, the linguistic scenario generated by the present Italian migratory flow has not been investigated yet. Throughout a qualitative ethnographic research, this project aims to fill such a gap.

During the presentation, after a brief comparative sociological introduction, CYILL members who agreed to participate in this project are sociolinguistically depicted and some methodological issues are discussed. Seventeen participants have agreed to be recorded in a wide range of situations and, as a result, a qualitative analysis of spontaneously produced discourses can be introduced. The talk provides an explanation of the social variables (Swann *et al.*, 2014) that characterise the participants and it shows linguistic phenomena that informants realise (e.g. code-switching, loan-shift extension, and loan-words); among these, code-switching deserves a special mention. In particular, I present examples of conversational code-switching (Gumperz, 1982). Through the analysis of some excerpts taken from recorded participants’ conversations, I suggest some reasons for code-switching and an evaluation of its possible meaning. Moreover,

XI Fórum de Partilha Linguística

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

25 de novembro de 2016

CYILL members' attitude towards the English language and their use of it is explained. Italian speakers' sociological features and their linguistic behaviour are explored throughout a historical perspective and twentieth century Italian migrants represent the term of comparison selected to examine this new generation of young migrants. By attempting to answer the question suggested by the title, identity issues are addressed and hypotheses on the future of this community's linguistic experience suggested.

Keywords: Code-switching, Migration, Identity Markers, Social Variables, Linguistic Identity.

References:

- Conti, F. (2012). The Present Significance of National Identity Issues: the Case of Italian Graduates in the UK. *Bulletin of Italian Politics*. **4** (1), 5-22.
- Gumperz, J.J. (1982). *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- McKay, S. (2015). Young Italians in London and in the UK. In: Gjergji, I. (2015). *La Nuova Emigrazione Italiana. Cause, Mete e Figure Sociali*. Venezia: Edizioni Ca'Foscari-Digital Publishing, pp. 71-81.
- Sacco, G. (2013). Italians in London. *European Scientific Journal*. **9**(19), 582-593.
- Scotto, G. (2015). From 'Emigrants' to 'Italians': What is New in Italian Migration to London?. *Modern Italy*. **20** (2), 153-165.
- Swann, J., Deumert, A., Lillis, T., and Mesthrie, R. (2004). *A Dictionary of Sociolinguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

Discourse markers and their functional equivalents in English and Portuguese: a contrastive study.

Milana Morozova
FCSH/NOVA – CLUNL
milana1002@gmail.com

Key words: discourse markers, translation method, stand-up comedy.

Abstract: Although there is no clear consensus about what is delimited by the term discourse markers, most current published research (Aijmer 2004, Blakemore 2002, Brinton 2008, Cuenca 2008, Fischer 1998, Fraser 1999, Lopes & Sousa 2014) indicate that a DM has a core semantic meaning and a context-dependent pragmatic function. The problem, however, arises when it comes to translation. Even if it is plausible to pick up a DM with a semantic core meaning and find an appropriate correspondence in the target language, the corresponding item with the same semantic meaning may perform different pragmatic functions. Thus, it is polyfunctionality of DMs that presents the main challenge for the investigators, especially in a multilingual study.

As a possible solution to the problem, Aijmer (2003, 2004) proposed translation as a methodology for studying pragmatic markers, which has been adapted for the purposes of this paper. She argues that the translation method helps to specify how markers function across languages, how they relate to each other both semantically and pragmatically. The proposal of this methodology was illustrated by the analysis of markers, belonging to the semantic field of expectation (*actually, in fact* and *really*) in English and their pragmatic equivalents in Swedish and Dutch on the basis of the English–Swedish Parallel Corpus for English/Swedish and of the Triptic Corpus for English/Dutch. According to this methodology, translations allow establishing a more explicit type of relationship between the items. In other words, setting up semantic fields based on translations contributes to a better understanding of credibility and appropriateness of established crosslinguistic equivalents. The ultimate goal of the methodology is to develop a semantic map based on translations.

Thus, the objective of the present study is to identify Portuguese functional equivalents of English DMs *well, you know, I mean*, using COMPARA corpus.

XI Fórum de Partilha Linguística
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
25 de novembro de 2016

COMPARA is an open corpus of English and Portuguese texts aligned with their corresponding Portuguese and English translations. Since this paper is a small part of a larger research on functioning of DMs in Portuguese and English (more specifically, in *stand-up comedy*), the reflections over the results will allow (re)establishing the units of the analysis in Portuguese corpus and contributing to a better understanding of functionality of Portuguese DMs in the corpus under investigation.

References:

Book sources:

- Aijmer, Karin & Anne-Marie Simon-Vandenberg. 2003. The Discourse Particle Well and its Equivalents in Swedish and Dutch. *Linguistics* 41 – 6, 1123-1161.
- Aijmer, Karin. 2004. A method and a methodology for the study of pragmatic markers: the semantic field of expectation. *Journal of Pragmatics* 36 (2004), 1781-1805.
- Blakemore, Diane. 2002. *Relevance and Linguistic Meaning: The Semantics and Pragmatics of Discourse Markers*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Brinton, Laurel J. 2008. *The Comment Clause in English. Syntactic origins and Pragmatic Developments*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cuenca, Maria-Josep. 2008. Pragmatic markers in contrast: The case of well. *Journal of Pragmatics* 40 (2008), 1373-1391).
- Frankenberg-Garcia A. and Santos, D. 2003. Introducing COMPARA, the Portuguese-English Parallel Corpus. *Corpora in Translator Education*, F. Zanettin, S. Bernardini and D. Stewart (eds), 71-87. Manchester: St. Jerome.
- Fischer, Kerstin. 1998. Validating semantic analysis of discourse particles. *Journal of Pragmatics* 29 (1998), 111-127.
- Fraser, Bruce. 1999. What are Discourse Markers ? *Journal of Pragmatics* 31 (1999), 931-952. Elsevier.
- Lopes, Ana Cristina Macário & Sousa, Sara. 2014. The discourse connectives *ao invés* and *pelo contrário* in contemporary European Portuguese. Anabela Gonçalves, Sónia Frota, Telmo Moia (eds.). *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 3, n.1 (2014), 3-27. DOI: <http://doi.org/10.5334/jpl.61>

Other sources:

- Diana Santos. O projecto Processamento Computacional do Português: Balanço e perspectivas. Maria das Graças Volpe Nunes (ed.), *V Encontro para o processamento computacional da língua portuguesa escrita e falada (PROPOR 2000)*, São Paulo, Brasil, 19-22 de Novembro de 2000, São Paulo: ICMC/USP, 105-113. <http://www.linguateca.pt/COMPARA/>

A metalinguagem da revisão de textos – Contributos para uma nomenclatura revisória em língua portuguesa

XI Fórum de Partilha Linguística

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

25 de novembro de 2016

Marta Fidalgo

FCSH/NOVA – CLUNL

mfidalgo@students.fcsh.unl.pt

A presente proposta visa chamar a atenção para a instabilidade conceptual que atualmente caracteriza as práticas profissionais no domínio da revisão de textos.

Partindo do princípio de que “toda a produção linguística depende da actividade em que se insere” (Coutinho, 2008, p. 20), é possível considerar que a falta de referencial teórico-empírico relativamente a uma determinada atividade favorece a ocorrência de indefinições e incoerências a nível linguístico. Em concreto, a não valorização da revisão de textos, para além de condicionar a própria atividade, parece potenciar a indefinição terminológica no que diz respeito às práticas vigentes.

Estando a revisão de textos necessariamente sujeita aos condicionalismos inerentes ao contexto social de que faz parte, é curioso constatar que não existe consenso quanto ao uso do termo “revisão”, podendo o mesmo implicar um vasto conjunto de tarefas e ser utilizado em diversas áreas (ensino, imprensa, legendagem, tradução especializada, entre outros).

Em Portugal, a invisibilidade da atividade de revisão contrasta atualmente com a multiplicidade de palavras e expressões utilizadas pelos profissionais do setor. No âmbito da investigação em curso, as leituras feitas (p. ex., Pym, 2011; Robert, 2008; Brunette, 2000), os cursos de formação frequentados, assim como os contactos estabelecidos com alguns revisores, permitiram reunir, até agora, mais de trinta termos em português, que remetem para a prática da revisão, mas que nem sempre são usados de modo coerente. Por um lado, foi possível identificar termos que, apesar de se referirem a procedimentos distintos, são, muitas vezes, utilizados como sinónimos; por outro lado, verificou-se igualmente a existência de conceitos diferentes, que se referem às mesmas operações. Esta diversidade não é de todo exclusiva da língua portuguesa, já que também em inglês coexistem várias designações para realidades afins (cf. Mossop, 2014), às quais também se fará referência.

Em prol do rigor terminológico e científico, que é expectável e desejável apresentar num projeto de doutoramento, a definição conceptual é uma etapa primordial do percurso que se pretende desenvolver. Neste sentido, a presente proposta visa elencar

XI Fórum de Partilha Linguística

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

25 de novembro de 2016

os vários termos já registados, numa tentativa de os categorizar, distinguindo-os ou agrupando-os, de acordo com os critérios que serão apresentados neste breve estudo. Tais critérios baseiam-se essencialmente numa abordagem descendente (cf. Voloshinov, 1990 [1929]) dos procedimentos referenciados, tendo em conta o quadro teórico e metodológico do interacionismo sociodiscursivo (cf. Bronckart, 1999). Em suma, pretende-se demonstrar que a reflexão sobre as práticas revisórias pode contribuir para uma melhor compreensão das formas linguísticas que as designam, sobretudo ao perspetivar a revisão de textos como uma atividade social e de linguagem. Trata-se, naturalmente, de um trabalho inacabado, sujeito a atualizações, mas que se afigura relevante, tendo em conta as definições circulares constantes dos documentos normativos que visam regular a atividade de revisão, designadamente a versão portuguesa da Norma Europeia EN 15038 (cf. IPQ, 2012).

Palavras-chave: análise linguística, definição conceptual, interacionismo sociodiscursivo, revisão de textos.

Referências bibliográficas

- Bronckart, J. P. (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sociodiscursivo* (trad. A. R. Machado & P. Cunha). São Paulo: EDUC.
- Brunette, L. (2000). Towards a terminology for translation quality assessment: A comparison of TQA practices. *The Translator* 6/2, pp. 169-82.
- Coutinho, M. A. (2008). Texto e polissemia. *Cadernos WGT - Polissemia*. Lisboa: CLUNL, pp. 17-21.
- Instituto Português da Qualidade [IPQ] (2012). Norma Portuguesa EN 15038:2012. *Serviços de tradução - Requisitos para a prestação de serviços*. Caparica: IPQ.
- Mossop, B. (2014³). *Revising and editing for translators*. Nova Iorque: Routledge.
- Pym, A. (2011). Translation research terms – a tentative glossary for moments of perplexity and dispute. In Pym, A. (ed.) *Translation Research Projects 3*. Tarragona: Intercultural Studies Group, pp. 75-99.
- Robert, I. S. (2008). Translation revision procedures: An explorative study. *Translation and Its Others. Selected Papers of the CETRA Research Seminar in Translation Studies* 2007, pp. 1-25.
- Voloshinov, V. N. [Bakhtine, M.] (1990⁵ [1929]). *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (trad. M. Lahud & Y. F. Vieira). São Paulo: Hucitec.

Género *graffiti*: a questão da atribuição de etiquetas genéricas

Rute Rosa

FCSH/NOVA – CLUNL
rute.isabel.rosa.1979@gmail.com

Palavras-chave: Géneros de Texto; Etiquetas Genéricas; Marcadores de Género; *Graffiti*.

A denominação do objeto de estudo é fundamental em qualquer trabalho de investigação. Neste sentido, a *categorização genérica* e os critérios que a sustentam são questões incontornáveis no estudo dos géneros textuais (Adam & Heidmann, 2007: 9).

Esta comunicação visa discutir a atribuição de *etiquetas genéricas* (Miranda, 2010: 93-95) aos textos que não possuem uma designação consensual. Esta questão teve como ponto de partida a necessidade de definir critérios para a constituição de *corpus* e atribuir etiquetas aos textos que pretendemos analisar no trabalho de investigação do Doutoramento. Apesar de a maioria dos textos selecionados ser facilmente classificável, porque existe uma designação genérica relativamente estabilizada, como é o caso dos textos dos géneros *artigo científico* e *decreto-lei*, verificamos que não há uma etiqueta genérica consensual para designar os textos inscritos nos muros, paredes e outros suportes públicos. Para o público em geral, estes textos são considerados *graffiti*, assim como todo o tipo de inscrições ilegalmente executadas nos espaços públicos. Deste modo, esta designação engloba textos de natureza diferenciada que têm em comum a ação de transgressão e apropriação indevida ou inesperada dos suportes públicos (Campos, 2009: 148). Todavia, “(...) nas convenções da cultura *graffiti* de origem *hip-hop*, [...] estas são expressões que não se enquadram na sua linguagem. Seriam, quando muito, formas ilegítimas de *graffiti*” (Campos, 2007: 259). Por outro lado, verifica-se que, apesar de a designação *graffiti político* ser relativamente recorrente e consensual nos meios de comunicação social, os textos de mera expressão de subjetividade, como por exemplo, reflexões e recados, não possuem qualquer etiqueta genérica.

Nesta perspetiva, a questão que se coloca é saber como é que devemos classificar estes textos e que critérios deverão sustentar a designação genérica adotada na investigação. Assim, nesta comunicação, partindo do pressuposto de que qualquer texto se inscreve num género (Bronckart, [1997] 1999; Rastier, 2001) e considerando que os

XI Fórum de Partilha Linguística

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

25 de novembro de 2016

gêneros são influenciados pelos parâmetros contextuais, bem como regulam a produção textual através de um *princípio de identidade* (repetição) e de um *princípio de diferença* (variação) (Adam, 2001: 38), propomos uma designação genérica para estes textos, tendo como critério as atividades sociais a que estão associados, o papel social e objetivos dos autores, assim como as características que os diferenciam e indiciam a sua identidade genérica, como por exemplo, os diferentes temas que os *graffiti* contemplam.

Para tal, assumindo a perspetiva interacionista de que as produções linguísticas dependem das determinações sociais (Bronckart, [1997] 1999), apresentamos uma análise comparativa dos parâmetros sociais, subjetivos e físicos de 20 textos diretamente recolhidos em ruas de cidades portuguesas. Além disso, num segundo momento, recorrer-se-á às noções de *mecanismos de realização textual*, *parâmetros de género e marcadores de género* (Coutinho *et al.*, 2005; Miranda, 2010), para darmos conta das características que identificam e diferenciam os textos. A partir desta análise, devemos concluir que i) o quadro social da interação, os papéis sociais e as finalidades dos textos de expressão de subjetividade são diferenciados dos textos do género *graffiti político*; ii) não existe etiqueta genérica para os textos de carácter pessoal porque as atividades a que estão associados não impõem a necessidade de criar uma designação partilhada e estabilizada socialmente; iii) os textos analisados apresentam *marcadores de género inferenciais* enunciativos, composicionais e temáticos distintos; iv) os textos de carácter pessoal não pertencem ao mesmo género dos *graffiti* de cunho político e, por isso, propomos uma etiqueta distinta: *graffiti “pessoal”*; v) esta primeira distinção demonstra a necessidade de pensar em etiquetas genéricas menores para a denominação das diferentes formas de expressão de subjetividade e de intervenção.

Referências

- ADAM, Jean-Michel. (2001) “En finir avec les types de textes”. In: Ballabriga M. *Analyse des discours. Types et genres: Communication et Interprétation*, pp. 25-43. Toulouse: EUS.
- ADAM, Jean-Michel; Heidmann, Ute. (2007) “Six propositions pour l’étude de la généricité”. In: *La Licorne* 79, Rennes: Presses Universitaires de Rennes. pp. 21-34.
- BRONCKART, Jean-Paul. ([1997] 1999) *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Raquel Machado. São Paulo: EDUC.

XI Fórum de Partilha Linguística

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

25 de novembro de 2016

CAMPOS, Ricardo. (2007) *Pintando a cidade: uma abordagem antropológica ao graffiti urbano*. Tese de Doutoramento em Antropologia Visual. Lisboa: Universidade Aberta. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.2/765>> [Consultado a 05 de junho de 2016]

CAMPOS, Ricardo. (2009) “Entre as luzes e as sombras da cidade: visibilidade e invisibilidade no graffiti” In: *Etnográfica*, vol. 13 (1). Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/1292>> [consultado a 05 Junho 2016]

COUTINHO, Maria Antónia; ALVES, Marisa; GONÇALVES, Matilde; MIRANDA, Florencia & PINTO, Rosalice. (2005) “Parâmetros de género e mecanismos de realização textual: aspetos teóricos”. Comunicação integrada no Simpósio *O interacionismo sociodiscursivo em construção: desafios e posicionamentos*, 15.º. In: PLA (Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada). PUC-SP – São Paulo / Brasil.

MIRANDA, Florencia. (2010) *Textos e géneros em diálogo: uma abordagem linguística da intertextualização*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

RASTIER, François. (2001) *Arts et sciences du texte*. Paris: PUF.